

Ser e consciência

Louis Lavelle

Da introdução de *A Presença Total*¹

O pequeno livro que vamos ler exprime um ato de confiança no pensamento e na vida. No entanto, em épocas conturbadas, os homens, na sua maioria, não se deixam comover senão por uma filosofia que justifique o seu padecimento perante o presente, a sua ansiedade perante o futuro, a sua revolta face a um destino que são forçados a sofrer sem serem capazes de dominar. A consciência busca uma amarga fruição nesses estados violentos e dolorosos, onde o amor-próprio está bem vivo, que pelo impulso mesmo que imprimem ao corpo e à imaginação nos dão, por fim, a ilusão de termos penetrado na raiz mesma do real. É só aparentemente que aspiramos a sair do seu cativeiro; temeríamos antes que não fossem suficientemente agudos, como um punção cujo movimento quedasse incompleto. Então a consciência lança-se na solidão, de modo a melhor se sentir entregue à infelicidade do abandono; obriga-se a si mesma a descer a esse abismo de miséria onde o nada a envolve, onde nenhuma voz lhe responde, onde as forças da natureza parecem coligar contra ela a sua indiferença e a sua brutalidade. Pretende-se que haja uma espécie de impotência, de desespero e de maldição que sejam inseparáveis da reflexão. Para libertá-la, nada mais se lhe pode pedir do que renunciar a si mesma, ouvir a voz do grupo, tornar-se a serva do instinto de dominação e colaborar numa tarefa temporal que, permitindo-lhe ultrapassar-se, a faz esquecer a inquietação da sua vocação eterna.

Será verdade que a consciência não tem outra escolha senão entre a infelicidade lúcida da sua existência separada e essa abdicação cega pela qual pede emprestada à disciplina da ação o impulso que já não encontra em si mesma? Desejaríamos mostrar que aquilo que é próprio do pensamento não é, como se crê, separar-nos do mundo, mas nele nos estabelecer; que em vez de nos encerrar em nós mesmos ele nos descobre a imensidade do real, da qual mais não somos do que uma parcela, que é mantida e não esmagada pelo Todo onde é chamada a viver. Nela e no Todo é o mesmo ser que está presente, sob uma forma tão participada quão participante; é a mesma luz que nos revela ora a sua face iluminante ora a sua face iluminada; é o mesmo ato que se exerce ora em nós, ora sem nós, e que nos obriga a prestar contas e a ser responsáveis em cada instante pela nossa própria existência, ao mesmo tempo que pela existência do Todo.

É, parece-nos, uma espécie de postulado comum à maior parte dos espíritos que a nossa vida se esvai no meio das aparências e que não saberemos jamais coisa alguma do próprio Ser: assim, como não teria esta vida aos nossos olhos um carácter de frivolidade? Isso faz de nós os espectadores de um mundo ilusório que não cessa de se formar e de se dissolver face ao nosso olhar por trás do qual suspeitamos um outro mundo, o único que é real, mas com o qual não temos qualquer contato. Então, é natural que a consciência, segundo o seu grau de profundidade, se contente com o cepticismo ou se deixe invadir pela inquietude. A vida não pode retomar a confiança em si mesma, não pode adquirir a gravidade, a força e a alegria, se não for capaz de se inscrever num absoluto que nunca falhará, num dado que lhe é presente todo inteiro e no qual ela abre para si mesma uma perspectiva, traça um sulco, os quais são a marca e a medida dos seus méritos. Ela não perde aquela *angústia de existir* que é inseparável de uma existência que cada uma das nossas ações nos deve dar a nós mesmos: mas essa angústia nada mais exprime do que a tensão suprema da sua esperança. Pensamos então que é numa ontologia, ou, mais radicalmente, numa experiência do Ser, que o pensamento mais tímido e a ação mais humilde bebem a sua

¹ Tradução de Américo Pereira (Universidade da Beira Interior Covilhã, 2008) revista e adaptada para o português do Brasil por Olavo de Carvalho, para uso exclusivo no *Seminário de Filosofia*. Proibida qualquer reprodução e difusão externa.

origem, a sua possibilidade e o seu valor. Mas conhecemos bem todas as suspeitas nas quais a ideia de uma primazia do Ser em relação a todos os seus modos não deixará de tropeçar: pois, antes do mais, olha-se quase sempre o Ser como estático, terminado e totalmente concluído, como um objeto puro que o eu poderia, talvez, constatar, mas de modo algum modificar, nem iniciar [*entamer*]. No entanto, se a lei de participação nos obriga, pelo contrário, a inserirmo-nos no Ser por intermédio de uma operação sempre limitada e imperfeita, a qual faz aparecer, sob a forma de um objeto atual ou possível, justamente aquilo que lhe corresponde mas também a ultrapassa, é que o Ser total não pode ele mesmo ser definido senão como um sujeito puro, um Si universal, um ato que não encontra nem em si, nem fora de si, a limitação de um estado ou a de um objeto. Longe de ser a morte da consciência, ele é a sua vida indivisivelmente transcendente e imanente. Por isso não há outro para além de Deus que possa alguma vez ter podido dizer: “Eu sou aquele que é.”

Perguntar-se-á ainda com que direito um tal ato pode ser posto, uma vez que a experiência nada mais nos entrega senão, em nós, um mundo de estados e, fora de nós, um mundo de objetos. Mas isso é dar um sentido demasiadamente restrito ao termo “experiência”. A consciência é sempre consciência da consciência: capta o ato no seu exercício mesmo, não isolado, sem dúvida, mas sempre ligado a estados nascentes e a objetos em aparecimento. Ela está sempre situada no ponto mesmo onde se produz a participação, isto é, no ponto onde, através de uma dupla iniciativa de consentimento e de recusa, unidos a Deus e no entanto separados dele, nos damos a nós mesmos o nosso ser próprio e o espetáculo do mundo.

Dir-se-á que é por uma extrapolação ilegítima que ultrapassamos a correspondência atual entre tal operação e tal dado, que nada nos autoriza a estabelecer um ato perfeito que funda em si todos os dados, e que esse ato primeiro não pode ser mais do que, relativamente à nossa consciência, um ato de fé? Mas estamos aqui para além de todas as oposições que se podem estabelecer entre a experiência, a razão e a fé, no seio mesmo de onde brotam. É nele que a consciência se constitui, descobrindo concomitantemente a indivisibilidade do ato que a faz ser e a exterioridade de todos os dados que não são subsistentes por si e supõem sempre uma relação com um ato limitado e tolhido; criando ela própria um traço de união entre essas duas infinitudes, a da fonte onde se alimenta e a do objeto ao qual tende; tornando possível e realizando a comunhão de todos os seres particulares na unidade do mesmo universo, e a solidariedade de todos os fenômenos na unidade do mesmo pensamento; redescobrimo a presença atual e inevitável da totalidade do ser em cada instante e em cada ponto. E de bom grado concebe-se que esse ato universal, de que falamos, mereça ser denominado um ato de fé, se é verdade que não pode jamais tornar-se um puro objeto de conhecimento, que ultrapassa sempre tudo o que nos é dado, que nunca é captado, salvo pela nossa vontade de consentir em cooperar com ele, de tal modo que, se bem que seja em si mesmo a condição de tudo o que pode ser posto, não pode ser posto em nós e por nós senão na proporção da nossa própria potência de afirmação, medindo sempre o impulso, o ardor ou o desfalecimento da nossa atenção, da nossa generosidade e do nosso amor.

Sabemos de todas as reservas e todas as suspeitas a que dará nascimento o nosso esforço para levar desde logo a consciência ao nível do Ser. Mas, sem a consciência, não seríamos mais que um objeto, quer dizer, existiríamos somente para um outro e como uma aparência na sua própria consciência. De qualquer modo, não se deve também considerar a nossa consciência pessoal como a simples espectadora de um mundo ao qual permanecesse estranha. Ela apenas nos revela o nosso ser verdadeiro, e, ao mesmo tempo, o interior do ser total, ao qual é consubstancial e no qual nos obriga a penetrar e a empenhar o nosso destino. A atitude fenomenista é, ao mesmo tempo, uma recusa do ser e uma recusa de ser. Mas, graças à consciência, cada um de nós, identificando-se necessariamente com o ato interior que realiza, descobre, realizando-o, o mais profundo e o mais belo de todos os mistérios que é o “de ser criado criador”. Sentimo-nos, assim, expostos à acusação de panteísmo, precisamente porque não queremos jamais amputar a parte do Todo e porque a própria parte, no momento em que crê fundar a sua independência,

não pode consegui-lo, no nosso entender, a não ser através de uma união mais estreita com o Todo do qual retira ao mesmo tempo a existência que a suporta e a luz que a ilumina.